

Luta ★ Social

Junho – 2005

luta_social@sapo.pt • <http://luta-social.blogspot.com/>

Boletim nº

4

Editorial

O não francês e holandês à constituição europeia veio demonstrar que o documento proposto para referendo europeu só serve uma das partes e que os povos europeus iriam ser os grandes prejudicados em virtude deste texto conter muitas disposições de injustiça. Com este documento, os trabalhadores e os povos europeus, que têm sido os principais visados nas medidas contrárias aos seus direitos e às suas condições de vida, iriam ficar ao nível de povos do terceiro mundo e com um sistema repressivo cada vez mais sofisticado, com medidas de 'segurança' cada vez mais autoritárias.

Os trabalhadores franceses, alemães e ingleses e de outros povos europeus, que muito duramente conquistaram salários e direitos sociais, assegurando um nível de vida digno, com muito trabalho e muita luta nos últimos 60 anos, perderiam as suas conquistas e voltavam a níveis de antes da 2ª Guerra Mundial.

Os principais beneficiários da entrada em vigor desta pseudo-constituição da Europa seriam os detentores do capital e do trabalho, com cada vez maiores lucros, mais exploração da mão-de-obra assalariada e com meios cada vez mais repressivos, em que a liberdade de explorar um trabalhador seria cada vez maior. Por outro lado, as diferenças culturais e a liberdade entre povos que fazem parte do património da humanidade, seriam anuladas e os povos arregimentados como se fosse um só país talhado por meios artificiais e comandado à distância de Bruxelas pelos burocratas da U.E., auxiliados pelos exércitos e polícias cada vez mais repressivos, capazes de suprimir quaisquer tentativas de avanço das liberdades e da igualdade social.

A par disto, o governo Sócrates, adiou o referendo para 2007, numa manobra de oportunismo táctico, para o povo português não manifestar o seu desagrado e votar "não" como os povos francês e holandês, perante uma "constituição" europeia que está à partida ferida de morte e não tem pernas para andar.

Greves dos Docentes



Independentemente de estarmos sindicalizados (ou não) neste ou naquele sindicato, temos todos o direito/dever de fazer um balanço destas acções.

Devemos considerar que uma greve não chega, nem chegaria nunca nas actuais circunstâncias. Porém, esta greve chegou para mostrar uma coisa: o governo revelou a sua verdadeira face, autoritária, recusando qualquer diálogo.

Mas nós devemos também questionar-nos se o sindicalismo docente está à altura e adequado ao tipo de lutas e de desafios que irão cada vez mais fazer-se sentir.

Na era do neo-liberalismo e da globalização capitalista é importante observar as práticas sindicais, especialmente europeias, para vermos até que ponto podemos aprender com a experiência alheia. Alguma vez uma estrutura sindical dos países europeus ocidentais teria o desplane de convocar os seus trabalhadores para uma greve dura, como esta, em época de exames, sem ter realmente auscultado, não apenas os seus activistas, como também o conjunto da classe, em plenários e assembleias abertas, onde todos tivessem direito de expressão e de voto?

Claro que não. Pois só tal ampla consulta asseguraria a coesão para enfrentar colectivamente os actos de repressão que muito provavelmente surgiriam. Além disso, as referidas assembleias seriam factor decisivo para a taxa de adesão à greve, um meio real e eficaz de mobilização.

Portanto, as estruturas sindicais burocráticas foram impelidas, pela pressão dos docentes em geral e das suas próprias bases, a decretar greve porém: (1) não promoveram de forma generalizada assembleias que ratificassem as propostas de greve e (2) nem fizeram o mínimo esforço de mobilização (limitaram-se a editar cartazes e folhetos, mas nem sequer os distribuíram eficazmente!) Isto diz muito sobre o estado comatoso do sindicalismo no nosso país.

Já há tempos que tal se verifica. O facto dos burocratas se agarrarem ao poder, é análogo ao do comandante que prefere deixar-se afundar com o próprio navio. Porém, neste caso, sem qualquer honra ou glória.

A análise confirma-se: eles fazem com que gerações de pessoas cultas, como são os nossos colegas mais novos, não vejam qualquer interesse em se envolverem em actividades sindicais, que consideram como meras extensões das actividades partidárias.

Porém, existe outro sindicalismo, outra forma de defendermos os nossos direitos e de nos relacionarmos. Ele está vivo em correntes anti-autoritárias, não vinculadas a partidos políticos, o sindicalismo de base, de inspiração libertária, apenas comprometido com as decisões tomadas em assembleia. Onde não há "chefes" ou "líderes", mas apenas mandatados entre iguais, tendo cada membro da direcção o seu mandato revogável a todo o momento, por decisão da assembleia e não se aceitando burocracias ou "profissionais" do sindicalismo.

Sensacionalismo e o arrastão

Numa altura conturbada, cheia de decisões agressivas contra os trabalhadores da parte do governo... o arrastão não podia ter chegado em melhor altura. Uma desculpa perfeita para distrair os portugueses.

Grandes títulos nos jornais... 500!!! Veio-se depois a saber que o número real era bem mais pequeno! Não chegou sequer aos 50, segundo a polícia.

É a propaganda do medo... o número 500 é o que vai ficar.

Em tempos de crise os mais pobres são os que mais sofrem.. têm menos hipóteses de emprego e educação. Mas os preconceituosos que os mandam trabalhar, são os mesmos que lhes negam emprego. É óbvio que o acto de roubar é condenável, mas não o é por serem negros é-o por si só e é muito mais condenável a organização social que propicia a criação de ghettos de pobreza e consequentemente gera este tipo de acontecimento.

Tivemos assim oportunidade de ver com funcionam os média sensacionalistas.

O problema não está pois numa sociedade com mais ou menos segurança... contra um sociedade com mais ou menos liberdade, está sim no facto de uma maioria de pessoas ser castrada por um regime económico – o capitalismo – onde, muitas vezes, nem as suas necessidades vitais podem ser satisfeitas, mas onde simultaneamente se está constantemente a apelar ao desejo para estimular o consumo...

No fundo, se pensarmos globalmente, facilmente chegamos à conclusão de que o racismo serve essencialmente para duas coisas:

- para distrair a classe oprimida dos verdadeiros males que a perseguem
- para dividir entre si os diversos sectores da classe oprimida, através de clivagens étnicas e/ou culturais... enfraquecendo assim a sua capacidade de luta

O combate ao racismo é portanto uma parte integrante do combate classista, das organizações dos trabalhadores revolucionários. O anti-racismo não deve dissociar-se dos aspectos mais gerais da luta de classes, sob pena de ser apenas uma posição de princípio, inócua, sem cunho libertador.

.....
PARA CONTACTOS COM O COLECTIVO LUTA SOCIAL:

Escreve para o seguinte e-mail:

luta_social@sapo.pt

Crónica da guerra de classes

× MUNICÍPIO DE LISBOA - TRABALHADORES AUXILIARES LUTAM PELAS SUAS ASPIRAÇÕES

Os trabalhadores auxiliares da Câmara Municipal de Lisboa, designadamente motoristas de ligeiros, condutores de máquinas pesadas e veículos especiais, auxiliares administrativos e fiscais de obras estão em luta pelo reposicionamento do respectivo escalão, abrigo do Decreto-Lei 247/87 de 11 Junho.

A proposta foi apresentada pelo PCP na Reunião de Câmara, do passado dia 8 de Junho, mas foi rejeitada pelos restantes grupos políticos (PSD, PS e CDS).

A proposta visava também inscrever no orçamento camarário a verba necessária ao pagamento a todos os referidos trabalhadores da verba relativa ao reposicionamento no correcto escalão renumeratório, bem como o pagamento de todos os retroactivos em atraso e os juros compensatórios devidos pelo atraso no seu pagamento.

Esta situação já está em vigor nalgumas câmaras, depois de um Acórdão do Tribunal Administrativo que veio dar razão aos trabalhadores nesta matéria.

Não duvidando das boas intenções do STML e do PCP, mas pode estar subjacente eventuais reivindicações eleitoralistas quando estamos a meses da eleições autárquicas, cabe perguntar, por que é que só agora foi levantada esta reivindicação se era do conhecimento destas entidades? Cabe aos trabalhadores discriminados estarem vigilantes, para que a sua luta não esteja a ser usada para designios eleitoralistas dos partidos políticos e levar por diante as suas justas aspirações.

× SEVILHA-CNT EM LUTA CONTRA REPRESSÃO SINDICAL EM CARREFOUR

- A secção sindical da Confederação Nacional do Trabalho/Sevilha está em luta contra a persecução que esta empresa está exercendo contra o delegado sindical em Carrefour-Montequinto.

Em 9 de Junho de 2005 o delegado da CNT recebe uma carta questionando a sua profissão e o seu desempenho de funções.

Depois de 14 anos de intocável expediente e reconhecimento por parte da empresa, agora é acusado de tonto, incompetente, despistado; o qual nos apraz suspeitar de um campanha estudada para denegrir o trabalhador, só por que criou a secção sindical de este sindicato em Carrefour.

O trabalhador está de baixa médica por ansiedade devido a assédio laboral que padece e impõem descansar um sábado ao ano, baixaram o salário em 50 % e trabalha 5 dos 8 domingos que abra a companhia e só descansa um dia por semana durante todo ano.

Carrefour há sido denunciada por não cumprir o artigo 28.1 da Constituição.

Entretanto duas centenas de clientes, assinaram contra as práticas anti-sindicais desta empresa, e reclamam que se cumpra a lei da liberdade sindical em Carrefour.

× PESCADORES DE SESIMBRA CONTRA PLANO DA ARRÁBIDA

- Os pescadores de Sesimbra estão contra o Plano de Ordenamento do Parque Natural da Arrábida, por que esta plano vai criar desemprego ao nível dos trabalhadores da pesca.

Os pescadores e familiares realizaram um jornada de luta, com bloqueio do Porto e percorreram as ruas de Sesimbra para protestar contra o desemprego que se avizinha. Se este plano entrar em vigor, cerca de 300 trezentos trabalhadores da pesca vão ficar desempregados com todas as consequências que advêm para a Vila de Sesimbra.

× EXTREMA DIREITA COMEMORA "Dia da Raça"

- Houve mais uma vez uma manifestação no Largo Camões, de uns 30 fascistas, agora sob a máscara de "Causa Identitária", que se reuniram no 10 de Junho, feriado instituído pelo fascismo como o "dia da raça"(e mantido no regime actual como "dia das comunidades e de Camões"). A extrema tolerância para com estes grupos, por parte de "democratas", apesar da proibição legal explícita de organizações de carácter e actividades de índole fascistas, é aproveitada por estes, habilmente, para fazerem a sua propaganda.